



*A chegada da família real portuguesa
no Brasil e os reflexos da civilidades nos
manuais de etiqueta*

Giovana D'Arc Moyzes¹

¹ Mestra em Ciências Sociais (PUC-SP) e professora de Cerimonial, Protocolo e Etiqueta na Universidade Vila Velha.

Família! Família!
Papai, mamãe, titia
Família! Família!
Almoça junto todo dia
Nunca perde essa mania..
(Trecho da música Família – Titãs)

A música do grupo Titãs², como o próprio título apresenta, fala sobre família e a convivência familiar. Aspecto importante das relações sociais, a família é o primeiro ciclo social com o qual a criança tem contato. Neste trecho da música, uma estrofe chama atenção: “Almoça junto todo dia”. Sobre este fragmento cabem duas considerações.

Em primeiro lugar, o almoço em família, mais do que um momento nutritivo, é um momento social, de convívio e trocas. Pois, “comer não é um ato solitário ou autônomo do ser humano, ao contrário, é a origem da socialização” (CARNEIRO, 2005, p.71).

E ainda enfatiza Santos (2005, p.13),

Os alimentos não são somente alimentos. Alimentar-se é um ato nutricional, comer é um ato social, pois constitui atitudes ligadas aos usos, costumes, protocolos, condutas e situações. Nenhum alimento que entra em nossas bocas é neutro. A historicidade da sensibilidade gastronômica explica e é explicada pelas manifestações culturais e sociais como espelho de uma época e que marcaram uma época. Neste sentido, o que se come é tão importante quanto quando se come, onde se come, como se come e com quem se come.

A comensalidade exige regras de conduta e comportamento. ² “Titãs” é o nome de uma banda de rock brasileira formada em São Paulo, na década de 1980. Ativa há trinta anos, tornou-se uma das bandas mais conhecidas do Rock Brasileiro.

Mesmo em um ambiente familiar algumas regras são exigidas. Pois comer não é um ato neutro, desprovido de sentidos.

Em segundo lugar, a família sendo o primeiro ciclo social na qual o indivíduo em formação, a criança, é inserido, é neste momento que ela adquire as primeiras noções das regras sociais de conduta a mesa e de controle do comportamento, gestos e atos.

Não é por acaso que boa parte dos manuais de etiqueta são direcionados as mulheres, mães de família. Além do mais também é possível encontrar nesta literatura referências de como educar as crianças. Um grande exemplo disto é o Livro de Erasmo de Rotterdã, *De civilitate morum puerilium*, um manual de aconselhamento na educação dos jovens.

Ainda a este respeito, para Visser, o homem transformou o consumo do alimento, que é uma necessidade biológica, numa necessidade cultural, num fenômeno cultivado. Diz ela que: "Usamos o ato de comer como veículo para relacionamentos sociais: a satisfação da mais individual das necessidades torna-se um meio de criar uma comunidade" (VISSER, 1998, p.9).

Para Visser, as boas maneiras à mesa são tão antigas quanto a própria sociedade humana, e que por esse motivo não existe nenhuma sociedade que possa viver sem elas. Para ela, o ato de se alimentar abrange movimentos e rituais escolhidos por cada cultura, de acordo com suas necessidades e símbolos. Considera como ritual porque é automático e isento de questionamentos, sendo, pois, uma ação frequentemente repetida, respeitando uma forma pré-estabelecida que quer tornar correta as ações. A refeição, além de visar à ordem e a comunicação entre

os comensais, objetiva também satisfazer o apetite e suas expectativas em relação ao desempenho dos gestos e maneiras de todos (VISSER, 1998, 17-18).

De todas as razões que Visser encontrou para explicar as regras de boas maneiras à mesa três princípios gerais se destacam: a ordem, a limpeza e a ausência de barulho. Para ela: “Esses três princípios gerais são tão calorosamente encorajados em nossa cultura, pois foram alcançados após séculos de luta e coação, simplesmente jamais duvidamos que todas as pessoas de bons princípios acharão um comedor de espaguete desagradável e companhia inviável numa refeição bastando para isso que apenas um dos citados princípios esteja ausente” (VISSER, 1998, 19). Por isso mesmo que o cuidado especial que se dá em relação à aprendizagem das maneiras à mesa é algo que não deve ser desprezado, muito ao contrário, deve ser objeto de nossa atenção.

Neste sentido tratar-se-á de analisar os manuais que circularam no Brasil, em especial no século XX, de forma a compreender como o processo civilizador se aplica no caso brasileiro. Cabe também discutir a noção de progresso presente neste século sendo os manuais de etiqueta uma forma de ação.

1. O projeto modernizador brasileiro

No final do século XIX, até meados do século XX passa a ser implementado no Brasil o projeto de modernização que segundo o historiador José Murilo de Carvalho (1998) tinha

como característica a marginalização social da população menos favorecida. Este processo ocorre por que o projeto modernizador foi realizada por um grupo condutor, que se privilegiou.

Não é difícil perceber que esta política modernizadora foi, antes de tudo, uma atitude de protecionismo classista que buscava privilegiar certos setores da sociedade. O que fica evidente se observarmos a marginalização das camadas populares tanto na decisão política, quanto na própria modernização. Visto que, durante o processo foram expulsos do centro da cidade e colocados na periferia estes setores populares (SILVA, 2004, p. 145).

O projeto modernizador brasileiro efetuado durante a Primeira Republica não ocorreu de forma uniforme. Pode-se dividi-lo em três etapas: a primeira fase conhecida como período de pré-transformações (1889-1902), considerado um momento de preparação para as alterações mais radicais; a fase de transformação (1902-1922), auge das mudanças estruturais, mas também período de mudanças ideológicas; e período pós-transformações (1922-1930), quando as transformações passam a ser incorporadas pelas cidades (SILVA, 2004, p. 146).

Cabe lembrar que durante o período imperial, sobretudo no Rio de Janeiro, algumas atitudes que visavam modernizar a cidade já haviam sido tomadas. Contudo, na fase republicana o empenho governamental e maior, assim como as mudanças são mais abrangentes e o impacto é mais visível.

Neste período várias cidades sofreram transformações estruturais sendo o Rio de Janeiro, até então a capital, o principal foco das

mudanças. A capital serviria de modelo para as demais cidades brasileiras. O objetivo era o de transformar a antiga cidade do Rio em uma cidade moderna. E o exemplo a ser seguido era a capital Francesa.

Mas, antes da implementação do projeto propriamente é preciso considerar que já no século XIX houve uma onda de transformações técnicas que trouxeram toda uma parafernália mecanicista, tais como ferrovias, máquinas industriais, armas de guerra, aparelhos de precisão mecânica e automóveis. Além disto, pouco tempo depois a energia elétrica, que modificou de vez a vida da população. (SILVA, 2004, p. 149)

Nesta tentativa de dar a capital um ar mais moderno, despindo se do provincianismo e do arcaico, foram realizadas várias demolições. Uma chamou atenção especial, a derrubada do Morro do Castelo que teve início em 1904 e teve fim apenas em 1920 com várias pausas. Após o período de demolições de ruas, casas, monumentos e igrejas, teve-se início a remodelação do espaço. Ruas largas, como a Avenida Central era um dos objetivos da modernização. (SILVA, 2004, p. 149)

Frase dita por Figueiredo Pimentel “o Rio civiliza-se” expressa bem o sentido das transformações sofridas na época. Modernizar e civilizar tornam-se sinônimos para a época. Até por que as transformações ultrapassaram a questão física. (SILVA, 2004, p. 152)

De um lado, as mudanças físicas modificaram as relações dos indivíduos com a cidade e a forma de viver. Portanto, interferiram no cotidiano nos hábitos e costumes. (SILVA, 2004, p. 152)

Por outro lado, outro aspecto da modernização foram as campanhas promovidas pelo governo e pelas elites para modificar hábitos e costumes. Um exemplo disto foi a campanha em favor da higienização da cidade. A higiene passa a ser a ordem do dia, atitudes institucionais tais como encanamento, coleta de dejetos e vacinação passam a ser pensadas e organizadas. (SILVA, 2004, p. 152)

A higiene também passou a circular em revistas e jornais, passou a ser comum tais veículos trazerem conselhos sobre “higiene moderna”³, incitando ao cuidado com a saúde do corpo tais como a o banho de mar (SILVA, 2004, p. 149). Entre os aspectos de modernização também ganham destaque os manuais de etiqueta, que começaram a ser editados e difundidos no Brasil já em finais do século XIX. Estes traziam regras de como se comportar em festas e eventos.

Segundo Silva (2004, p.153):

No processo de consolidação do espaço urbano verificado no Brasil do começo do século, reformas urbanísticas e morais (se por moralidade entendermos um vago sentido de civilidade) vigoraram incontestemente. Aliás, atuaram em conjunto no sentido de dar à cidade uma nova face, uma face mais “honestas”, em oposição ao seu feitio anacrônico e colonial. Neste sentido, urbanismo e civilidade são lados de uma mesma moeda: a moeda da modernização. Trata-se, em última instância, de transformações mais ou menos aprofundadas que tiveram como intuito modificar não apenas o aspecto externo da cidade, mas também o *modus vivendi* de seus cidadãos, privilegiando uma nova sociabilidade.

3 Ver Sidney Chalhoub: “Cidade Febril”, para explicar a ideologia higienista.

Portanto, tais transformações realizadas principalmente no espaço físico das cidades também tiveram consequências no comportamento e nas atitudes da população urbana. Entre as transformações destaca-se a difusão de manuais de etiquetas como forma de construção de uma identidade urbana mais moderna para as novas cidades. Cabe lembrar que o Rio de Janeiro serviu de espelho para as outras cidades brasileira, que não tardaram a seguir o exemplo.

Referências

- CARNEIRO, Henrique. "Comida e sociedade: Significados sociais na história da alimentação". *História: Questões & Debates*, Curitiba, n. 42, p. 71-80, 2005
- SILVA, Maurício. "Espaço e vivência: transformações modernizadoras na primeira república". *SAECULUM – Revista de História*. João Pessoa, 2004.
- VISSER, Margaret. "O ritual do jantar: as origens, evolução, excentricidades e significado das boas maneiras à mesa". Editora Campus, 1998.